

**DO PONTO DE VISTA DE QUEM ORIENTA: SOBRE TRABALHOS ACADÊMICOS,
PROCESSOS E RESULTADOS**

***From the Advisor's Perspective: On Academic Work, Processes, and
Results***

***Desde el Punto de Vista del Supervisor: Sobre Trabajos Académicos, Pro-
cesos y Resultados***

Teresa Cristina Furtado Matos
Doutora em Sociologia, Docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: crisfurtado@yahoo.com.br

Áltera, João Pessoa, **Número 19**, 2025, e01904, p. 1-17

ISSN 2447-9837



RESUMO:

O ensaio reflete sobre as dimensões de processos e resultados na construção dos trabalhos acadêmicos, particularmente de teses e dissertações, do ponto de vista de quem orienta. A partir desse lugar de orientação, discute-se o processo da pesquisa em determinadas situações e fluxos de atividades. São explorados alguns pontos no âmbito dessa construção: a pergunta à realidade, o cronograma, a comunicação, a organização das leituras e da escrita. Ademais, sempre que possível, procura-se indicar técnicas e estratégias que podem funcionar como aliadas nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhos acadêmicos. Criação. Processos. Resultados.

ABSTRACT:

The essay reflects on the dimensions of processes and results in the construction of academic work, particularly theses and dissertations, from the supervisor's standpoint. From this place of guidance, the research process is assessed in specific situations and flows of activities. Some points are explored in the context of this construction: the question to reality, the timetable, communication, and the organization of reading and writing. Moreover, whenever it is possible, the essay recommends techniques and strategies that can work as allies in this process.

KEYWORDS: Academic papers. Creation. Processes. Results.

RESUMEN:

El ensayo reflexiona sobre las dimensiones de procesos y resultados en la construcción de trabajos académicos, en particular tesis y tesinas, desde el punto de vista del supervisor. A partir de este lugar de orientación, se discute el proceso de investigación en determinadas situaciones y flujos de actividades. Se exploran algunos puntos en el contexto de esta construcción: la cuestión a la realidad, el cronograma, la comunicación, la organización de las lecturas y de la escritura. Además, siempre que sea posible, se indican técnicas y estrategias que pueden funcionar como aliadas en este proceso.

PALABRAS CLAVE: Trabajo académico. Creación. Procesos. Resultados.



INTRODUÇÃO

Este pequeno ensaio discute o processo de criação acadêmica, sobretudo de teses e dissertações, da perspectiva de quem orienta. Sigo aqui um fio puxado por um convite, cujo objetivo era refletir, no contexto de uma turma de pós-graduação,¹ sobre a construção do trabalho acadêmico a partir do ponto de vista do(a) orientador(a).

Depois de aceitar o desafio, fiquei me perguntando: o que poderia ser dito sobre essa experiência, de modo a oferecesse uma reflexão útil às/aos discentes? Num sistema de pós-graduação que se organiza fortemente vinculado a um rígido controle de prazos e mecanismos de produção, confesso que meu primeiro ímpeto foi falar das tensões alimentadas pelo tempo que escorre rápido em ampulhetas e de textos ainda por fazer, mas que já romperam as datas de entrega. Visualizei um rio, por vezes, caudaloso.

Esse não é um dado de realidade irrelevante. Afinal, o tema vem interessando cada vez mais aos pesquisadores que investigam as condições de trabalho e a saúde mental de docentes e discentes de universidades públicas brasileiras e da pós-graduação (Garcia da Costa, Nebel, 2018; Zotesso, 2022; Pinzón *et al.*, Sánchez, Machado, Oliveira, 2020,)

Garcia da Costa e Nebel (2018, p. 215), a partir de uma pesquisa sobre sofrimento mental no ambiente da pós-graduação feita com 2.903 estudantes de mestrado e doutorado, de todas as regiões do Brasil, sobre sofrimentos mentais no ambiente da pós-graduação chegaram aos seguintes resultados:

a grande maioria dos respondentes (74%) sofre com ansiedade. Outros 31% sofrem com insônia, ao passo que 25% e 24% com depressão e crise nervosa, respectivamente. Esses dados estão muito acima da média geral da população brasileira. Segundo dados da OMS, 5,8% dos brasileiros têm depressão e 9,3% ansiedade. Dentre os pós-graduandos que afirmaram sofrer com algum transtorno psíquico, 27% fazem tratamento com medicação, sendo que 7% deles sem prescrição médica. (Garcia da Costa; Nebel, 2018, p. 215)

Pinzón *et al.* (2020), em estudo semelhante, com uma amostra também significativa de 1619 mestrandos e doutorandos, chegaram a descobertas similares:

¹ Agradeço à professora Flávia Pires e ao professor Marco Aurélio Paz Tella pelo convite para conversar sobre a experiência de construção da pesquisa acadêmica, do ponto de vista de quem faz orientações, na disciplina “Seminários de Pesquisa do Doutorado” por eles ministrada no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPB. Agradeço, ainda, ao professor Adriano de León, parceiro de prosa naquela ocasião, pela troca de ideias e pela apresentação inspiradora. Meus agradecimentos também às alunas e aos alunos da disciplina pelas questões instigantes, comentários e depoimentos que me ajudaram a pensar esse texto da perspectiva de quem é orientando. À Flávia Pires agradeço, por fim, o estímulo para a redação desse ensaio.



Os resultados apresentados neste estudo evidenciam a presença de sintomas moderados de depressão e ansiedade e sintomas leves de estresse entre os participantes (Vignola & Tucci, 2014). Esses achados vão ao encontro dos observados em outros estudos realizados com amostras de pós-graduandos, referidos previamente (Barros, 2012; Evans *et al.*, 2018). Costa e Nebel (2017) atribuem-nos ao fato de que o ambiente da pós-graduação apresenta exigências e uma cobrança para que os estudantes participem de eventos acadêmicos e apresentem suas produções, escrevam e publiquem artigos em periódicos científicos qualificados, além de elaborar sua dissertação ou tese. Segundo os autores, essas demandas exigem alto grau de envolvimento cognitivo e emocional, podendo resultar em distúrbios mentais, principalmente em indivíduos mais vulneráveis. (Pinzón *et al.*, 2020, p. 195)

Na margem do rio onde se encontra a orientação, posso afirmar que há excesso de trabalho, planejamentos refeitos com mais frequência do que comporta o sentido do vocábulo, e um sentimento de urgência que invade finais de semana com leituras de último momento, confundido as dimensões de trabalho e descanso. Essa dinâmica afeta a rotina, a saúde, a vida social e, muitas vezes, a capacidade de se chegar a um bom termo em um trabalho reflexivo conjunto.

Algumas pesquisas (Moreira, Tibães, Brito, 2018; Vivian, Trindade, Vendruscolo, 2020, Oliveira, Pereira, Lima, 2017) vêm confirmando essa perspectiva que apresentei em chave pessoal. Oliveira, Pereira e Lima concluem, sobre as condições de trabalho docente², que:

há um evidente aumento da sobrecarga de trabalho para os docentes, e torna-se corriqueiro trabalhar para além das 40 horas semanais que constam no contrato, sendo a jornada laboral estendida para os fins de semana, tomando o lugar das horas de lazer e do repouso. Uma conclusão importante que Lopes (2006) depreende dessa situação é que deixa de haver uma separação clara entre o espaço de trabalho e a residência, sendo essa transformada em uma extensão do local de realização de atividades cotidianas dos docentes. Temos então que a denominação “Dedicação Exclusiva” (DE) deixa de referir-se apenas ao impedimento do exercício de outra atividade remunerada pública ou privada, para definir o tipo de relação estabelecida entre o docente com o trabalho, e o lugar que este ocupa em sua vida. (Oliveira; Pereira; Lima, 2017)

Não é difícil imaginar como essa dinâmica tem potencial para tensionar as relações entre quem orienta e quem é orientado(a). As duas margens do rio veem-se

² Além disso, há um conjunto de outros fatores que colaboram para esse cenário: aumento no número de alunos, turmas e atividades não apenas acadêmicas, mas também burocráticas (relatórios diversos, avaliações, prestações de contas etc.); salários defasados em patamares de dez anos atrás e, sobretudo no caso das mulheres, jornadas cada vez mais exigentes onde se somam, além do trabalho acadêmico, o trabalho doméstico, as atividades de cuidado com filhos e idosos. A defasagem salarial tem aumentado a carga de trabalho, com limitações na contratação de serviços que poderiam ajudar com essas demandas e tornar as jornadas menos exaustivas.



pressionadas por uma correnteza de prazos e entregas. Mas além da áspera superfície dos prazos apertados, do produtivismo e suas consequências, o trabalho de compreender o mundo, sobretudo o mundo social, é um exigente exercício de escolhas, de disciplina para o estudo, de delicadas e humanas negociações para a entrada em campo e a produção de dados, de escrita e, não menos importante, de criação. Tudo isso, em grande medida, feito de modo artesanal.

Ainda que não seja o objeto deste texto, é importante registrar que no contexto da pandemia de Covid-19³, cujos desdobramentos e consequências ainda vivemos, sobretudo no campo da saúde mental, os estudantes de pós-graduação enfrentaram o desafio adicional de dar continuidade às suas investigações em cenários muito adversos, recriando estratégias de investigação em meio às reiteradas e variáveis recomendações sanitárias de isolamento. No caso das ciências humanas, para fazer seguir o trabalho de pesquisa, foi preciso lançar mão de alternativas: aproximações com o campo tiveram de ser feitas à distância, entrevistas e grupos focais realizados por via remota, observações foram transferidas para espaços virtuais. Todos os elementos antes descritos, com consequências sobre a saúde mental de orientadores e orientando(a)s, tornaram-se mais problemáticos nessa situação pandêmica⁴.

Toda a discussão feita até aqui reconhece o potencial conflitivo resultante do modo como a engrenagem está montada. Seria ingênuo pensar o processo de produção de teses e dissertações sem considerar esse cotidiano. Entretanto, eu gostaria de propor e a partir daqui apontar os holofotes para a relação entre *processos e resultados* na construção de uma tese ou dissertação. Isso porque, , num sistema que dá grande ênfase a prazos e produtos, somos frequentemente levados a perder de vista a dimensão do processo. O cenário descrito acima muitas vezes alimenta um tipo de ansiedade que focaliza apenas o ponto de chegada e costuma embotar nossa imaginação sobre o caminho. A confusão entre esses dois momentos costuma produzir uma perspectiva irreal sobre etapas a serem cumpridas, sobre o tempo necessário para a sua realização, sobre o trabalho de campo, o tratamento dos dados, a análise

3 A Covid-19, doença respiratória provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi inicialmente identificada em dezembro de 2019 em Wuhan, China, onde pacientes apresentavam pneumonia de origem desconhecida. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como pandemia, reconhecendo sua disseminação global. No Brasil, o primeiro caso confirmado ocorreu em fevereiro de 2020, com a transmissão comunitária reconhecida em março do mesmo ano. Em 22 de abril de 2022, o Ministério da Saúde declarou o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional relacionada à Covid-19. Algumas semanas depois, em 5 de maio de 2022, a OMS anunciou o fim da emergência de saúde pública de importância internacional para a Covid-19, indicando uma mudança na gestão global da doença.

4 O artigo “Saúde Mental na Universidade: Atendimento Psicológico Online na Pandemia da Covid-19” (Correia, 2023) examina os impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de estudantes universitários e discute a implementação de atendimentos psicológicos online como resposta a esses desafios. Ainda que não trate especificamente da pós-graduação, o texto mostra como a pandemia intensificou crises de saúde mental entre estudantes universitários, exacerbando sentimentos de incerteza, insegurança e sobrecarga acadêmica. Esses fatores também contribuíram para o aumento de sintomas de ansiedade e depressão nessa população.



e, não menos importante, a escrita.

Mais do que eu gostaria, já ouvi orientando(a)s falarem dessas etapas como se fossem quase uma formalidade que vai desaguar no resultado, e não o inverso, ou seja, um processo de trabalho que, por consequência, faz chegar a um resultado. A título de exemplo, fui lembrando de episódios, do ponto de vista de quem orienta, que podem ser pensados como um sintoma dessa ansiedade, e que se revelam em pequenas ações, como o sumário já indicando o desenho final de um texto que nem começou a ser escrito, ou a redação prematura de uma introdução de trabalho antes mesmo dele estar minimamente desenvolvido. Como apresentar o que ainda não foi realizado?

Acredito que é sobre essa dimensão do processo que talvez minha experiência de orientação possa, de algum modo, ser útil aqui. Além da minha própria experiência como aluna de pós-graduação que completou a escrita de uma dissertação e uma tese, ao longo dos anos eu fui experimentando esse aprendizado de parceria intelectual que é a orientação. E, desse ponto de vista, pude ir entendendo melhor os gargalos envolvidos no modo de fazer trabalhos acadêmicos.

PROCESSO

A partir dessas experiências pensei em algumas dimensões do processo de escrever dissertações e teses que merecem, acredito, particular atenção. A seguir, detalho algumas etapas da pesquisa, que, entendo, merecerem interesse e investimento, de modo a permitir um fluxo de trabalho adequado que não pule ou ignore a relevância de cada momento no desenvolvimento da pesquisa. Elas se dividem em cinco pontos: *a pergunta à realidade; o cronograma; a comunicação; a organização das leituras e a escrita.*

a) A pergunta à realidade

Começemos por uma imagem. Em uma ventania, imagine a copa de uma árvore. A copa segue o fluxo do vento, ora balançando para um lado, ora para o outro. Um trabalho sem definição sobre o que exatamente se quer saber, ou seja, sobre qual pergunta se faz à realidade, é como uma árvore em dia vento forte.

Depois da entrada num programa de pós-graduação, é comum repensarmos o projeto e, às vezes, a própria questão de investigação. Se a intenção é de mudança ou de aperfeiçoamento do projeto, vale o esforço processual de definir com maior precisão o que se quer. Quando a pergunta é vaga ou frouxa demais, muitas pessoas,



com a melhor intenção, vão tentar ajudar propondo caminhos (com novas e outras perguntas) e isso, por vezes, produz mais incerteza e angústia para quem vive uma situação de indefinição. Já vi orientandos, em função de novas sugestões e conversas, pulando de uma pergunta à outra, mudando de tema a todo momento sem conseguir se definir. E, por isso mesmo, atropelando as etapas seguintes de construção do trabalho.

Se esse é o seu caso, minha dica é: ouça todas as sugestões, pondere e peça ajuda à orientação nessa redefinição. Em uma conversa franca, discuta os caminhos possíveis, a consistência dos temas, a qualidade do problema de pesquisa e sua exequibilidade. Ou seja, considere, ainda, os limites de tempo e recursos envolvidos na amplitude da pergunta feita à realidade.

Permita-se separar um tempo para rascunhar perguntas, refletir sobre elas, fazer escolhas, burilar sua precisão, pensar, enfim, sobre o que se pretende pesquisar. O investimento nessa etapa garante o fluxo do trabalho nas fases seguintes, ou seja, a definição sobre os caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. O capítulo “A pergunta de partida” (Quivy; Campenhoudt, 1998), que compõe o ótimo *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, pode ser um bom guia para a construção de uma indagação à realidade marcada pela precisão, exequibilidade e pertinência. Como indicam os autores:

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Com essa pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação. Para desempenhar corretamente a função, a pergunta de partida deve apresentar qualidades de clareza [ser precisa, ser concisa e unívoca], de exequibilidade [ser realista] e de pertinência [ser uma verdadeira pergunta, ter uma intenção de compreensão dos fenômenos estudados] (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 44)

Como já indicado, repensar o problema de pesquisa ou fazer mudanças de percurso são processos naturais e que fazem parte do momento posterior ao ingresso em um curso de pós-graduação. Esse momento é marcado, então, pelo contato com as disciplinas e com uma gama de perspectivas teóricas e metodologias antes desconhecidas. Nessa ocasião, simpatias, pertinências e filiações vão sendo testadas e efetivadas no contato com autores(as) e perspectivas explicativas que não conhecíamos, ou não conhecíamos em profundidade. Somos apresentados também a uma gama de possibilidades metodológicas novas, que nos fazem repensar a proposta inicial. Nada mais razoável, então, que reconstruir sua proposta e a questão norteadora. Permita-se, se esse for o caso, investir um tempo para esse possível rearranjo.

Entretanto, é preciso ficar atento(a) para o tempo em que isso pode ser fei-



to sem prejudicar as etapas seguintes. Não é preciso dizer que manter a orientação informada dessa disposição de mudança evita ruídos de comunicação e ajuda muito no fluxo do trabalho e no desenvolvimento das fases posteriores. Ponto zero de qualquer investigação, a pergunta em torno da qual se organiza uma problematização – e todo o projeto de pesquisa – precisa estar clara para quem se propõe uma investigação.

b) O cronograma

Prazo é um dos assuntos mais presentes no cotidiano da pós-graduação no Brasil. Avaliação e distribuição de bolsas, por exemplo, são temas que pesam no controle do tempo. Há prazos ideais, bem como limites de permanência nos cursos. Cada etapa de desenvolvimento do trabalho da dissertação ou da tese tem períodos de realização e apresentação em seus resultados parciais e final: projetos, qualificações, pré-bancas e defesas.

Fazer um cronograma não ficcional (sensato) pode ser de grande ajuda na hora de pensar o trabalho em termos de processo. Item pouco valorizado no projeto de pesquisa, por vezes entendido como mera formalidade, outras vezes visto mais como ficção do que realidade do cotidiano de investigação, o cronograma é um aliado fundamental para organização das atividades que precisam ser realizadas até a finalização da tese ou dissertação. Ele oferece uma compreensão tangível do investimento que cada etapa exige e ajuda, e muito, a não ser surpreendido(a) pela chegada da defesa do projeto, da qualificação ou mesmo de defesa final do trabalho.

O processo de entrada no campo, a realização das atividades de produção de dados, bem como de tratamento do material e escrita, precisam ser pensadas de maneira realista. A entrada no campo, por exemplo, se o trabalho é qualitativo e envolve a negociação de confiança para se realizar, não pode ser pensada como uma visita que automaticamente se converte em abertura plena para as etapas seguintes de acesso ao campo. É preciso pensar sobre a necessidade de contatos sucessivos até que uma abertura efetiva para a produção de dados esteja disponível.

Por outro lado, antes de chegar à banca examinadora, um texto precisa ser entregue para leitura do(a) orientador(a),⁵ retornar para ajustes, sendo às vezes necessária uma segunda leitura após ajuste para só então o material seguir para apreciação da comissão que avaliará o trabalho. Em cada um desses momentos é preciso estar atento ao tempo de leitura ou de ajuste do material.

Também não é razoável esperar que textos, sobretudo os mais volumosos,

⁵ Talvez pareça desnecessário sublinhar, mas sempre é bom lembrar que o final de semana não deve ser contado como tempo de trabalho e, portanto, de leitura.



possam ser lidos em poucos dias. Outras tarefas compõem a atividade docente, sendo muitas vezes impossível suspender essas tarefas para iniciar uma leitura entregue de última hora. Assim sendo, é respeitoso considerar essa realidade na entrega de um texto e na expectativa de leitura. Nesse sentido, o cronograma dá visibilidade a essas etapas e ajuda a entender quanto tempo cada uma delas exigirá, evitando o autoengano e diminuindo a ansiedade.

c) A comunicação

Manter o fluxo de comunicação sobre os processos da tese/dissertação também é um bom aliado na realização do trabalho e da própria relação de orientação. Ênfase aqui na ideia de processo. Dúvidas sobre caminhos a seguir, leituras, desenho do trabalho, estratégias metodológicas e fluxo das atividades devem ser sempre comunicadas, criando a possibilidade de discutir conjuntamente caminhos e ajustes de rota. Às vezes a falta de comunicação alimenta problemas de desenvolvimento que crescem com o silêncio e dificultam sua resolução.

Do ponto de vista da orientação, posso afirmar que é impossível oferecer apoio a uma situação que desconhecemos. Quando elas chegam, crescidas em suas consequências e encurtadas quanto ao tempo necessário para sua resolução, nossa capacidade de ação enquanto orientadores(as) se reduz drasticamente.

Às vezes, uma conversa honesta sobre esses temas pode ajudar o trabalho a seguir seu curso. Às vezes, também, a expectativa de mestrandos e doutorandos de que uma conversa substitua a escrita do texto por parte da orientação pode ser um problema. É preciso que, em algum momento, o texto que “está na cabeça” seja registrado no papel.

d) A organização das leituras

Sei que vou chover no molhado, mas considero ser importante destacar o papel não apenas das leituras feitas durante o mestrado e o doutorado, mas, sobretudo, o cuidado com a sua sistematização na exploração desse material.

Às vezes, na orientação, os(as) alunos(as) realizam disciplinas por você ministradas e que têm conexão direta com os seus temas de pesquisa. Entretanto, na hora de incorporar essas leituras ao texto, identificamos que, ou elas estão ausentes, ou são trabalhadas de modo ligeiro, sem aprofundamento. Você se lembra do aluno ou aluna na disciplina, lembra que ele ou ela participavam da aula e tinha domínio sobre o material que estava sendo discutido. O que responde por essa diferença entre o



modo como a leitura era discutida em sala e o modo como aparece no texto da tese ou dissertação?

Em conversas honestas com orientandos e orientandas, pude descobrir que um trabalho de leitura cuidadoso no momento da disciplina, mas pouco sistemático em seu registro, era o responsável pela diferença detectada entre a aula e o texto. Um registro disciplinado das leituras economiza tempo de (re)trabalho, de novas e sucessivas leituras, e deixa o material pronto para consulta e uso na hora da escrita.

Velhos e eficientes aliados estratégicos como esquemas, fichamentos e resumos devem ser incorporados ao cotidiano de estudos, se convertendo em grandes parceiros no momento em que analisamos nosso material e nos sentamos para escrever. O capítulo “A exploração” (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 49-69), em seu tópico sobre a leitura, traz ótimas dicas sobre como explorar e registrar o material lido.

Ainda sobre as leituras, os autores oferecem dois conselhos que compartilho aqui:

- 1) Foco na qualidade da leitura: “Ler mal um texto de 200 páginas não serve rigorosamente para nada; ler um bom texto de 10 páginas pode ajudar a fazer arrancar verdadeiramente uma investigação ou um trabalho” (p. 66).
- 2) Foco no tempo para reflexão: “oferecer-se, a intervalos regulares, períodos de tempo consagrados à reflexão pessoal e às trocas de pontos de vista com colegas ou com pessoas experientes. Um espírito atulhado nunca é criativo” (p. 53).

e) A escrita

Talvez a parte mais solitária e angustiante de uma tese ou dissertação é a sua escrita. Articular a análise, a discussão teórica, a experiência de investigação e as descobertas de campo em um texto coeso, coerente, e de preferência fluido, é um desafio temperado por limites de tempo muitas vezes não exatamente generosos.

Howard Becker, em *Truques da escrita* (2015), trata das muitas dimensões envolvidas nos processos de escrita acadêmica. A procrastinação, o medo de escrever e depois de mostrar o material para alguém ou a ficção de que se escreve um texto já acabado. Como reflete o autor:

[...] esse problema nasce das condições de isolamento em que muitas vezes trabalhamos: enclausurados sozinhos num aposento onde ninguém vê o que estamos fazendo. Os estudantes escondem seus textos uns dos outros, nunca veem os professores com a mão na massa nem o trabalho que têm antes de o texto deles ser publicado (Becker, 2015, p. 9).



Na experiência da orientação, já vi algumas vezes orientandos(as) que tinham tido um ótimo fluxo de atividades em etapas anteriores paralisados(as) nessa fase do trabalho, e tantos outros e outras escrevendo sob o signo do sofrimento. Aliás, quem nunca se sentiu travado(a) por uma ideia que resiste a ganhar contornos no papel?

A solução para o problema da escrita, vivenciado no atacado e não apenas no varejo, aponta Becker, é tomar consciência de sua dimensão processual. Um texto final é resultado de uma disciplina de reescrita, ou seja, de melhoramento contínuo até se chegar a um bom termo:

Se os estudantes soubessem que seus professores escrevem muitas frases péssimas, mas então reescrevem várias vezes, perceberiam que as suas frases ruins também podem ser corrigidas. Você continua com o problema, com a dificuldade, mas agora sabe que não é irremediável [...] examine os pontos em que você está travado. Você acha que depois de escrever uma versão de alguma coisa não vai poder mudá-la? Mude e veja o que acontece. Não vai acontecer nada de ruim. Você terá um texto melhor, o que não é um problema (Becker, 2015, p. 9-10).

E lembre-se sempre de que a leitura feita pelo orientador ou orientadora é também uma oportunidade de retornar ao texto e melhorá-lo: um contexto a ser incluído ou aperfeiçoado, uma informação pontual que precisa ser oferecida ao leitor, uma precisão conceitual a ser feita, o desenvolvimento do argumento ou uma discussão mais generosa do trabalho de campo.

Sei que às vezes esse momento tende a ser pensado de maneira negativa, quando o texto original retorna pós-leitura marcado por comentários, críticas e sugestões. Há pessoas são que tomadas por um desânimo paralisante, como se o trabalho estivesse comprometido. Não custa lembrar que as críticas não são sobre você, mas sobre um trabalho em construção.

Faço o convite para que você encare esse momento como apenas mais uma etapa. Uma fase do processo em que se ganha a oportunidade de agir sobre os problemas apontados, apresentando uma versão mais bem acabada do trabalho. A perspectiva processual ajuda a entender que não se trata de refazer o material voltando ao seu ponto inicial, mas de ajustá-lo, complementá-lo com vistas à sua construção. Pode até parecer que você gira sobre o mesmo ponto, mas a verdade é que o trabalho está em progresso.

Além de um esforço processual de melhoramento da escrita, um texto acadêmico é também o resultado de criação, imaginação e intuição. Costumamos pensar essas características vinculadas a escrita ficcional, mas Robert Nisbet, um sociólogo norte-americano que escreve sobre os clássicos do pensamento sociológico, sublinha

essa dimensão nos textos acadêmicos:⁶

E jamais deixaram de ser artistas! É importante ter em mente, mesmo que apenas como precaução contra o cientificismo vulgar, que nenhuma das ideias que nos interessam – ideias que continuam a ser, repito, centrais no pensamento sociológico contemporâneo – surgiu como consequência daquilo que hoje gostamos de chamar uma reflexão para a resolução de problemas. Cada uma delas é, sem exceção, o resultado de processos de pensamento – imaginação, visão, intuição – que têm tanta relação com o artista como com o investigador científico. (Nisbet, 2003, p. 34, tradução nossa)

Podemos ampliar essa compreensão para todas as ciências sociais, pensando a produção acadêmica não apenas como uma fileira de dados e descobertas de uma pesquisa, mas também em sua dimensão inventiva, marcada pela imaginação e pela criação, tratando-se, portanto, de criação acadêmica. As dissertações e teses são registros de um trabalho de investigação, mas são também criação analítica e criação textual. As escolhas e as formas como construímos e apresentamos nossas descobertas de investigação são marcadas por um esforço que é também criativo.

Enquanto eu pensava sobre o quealaria naquela aula sobre o ponto de vista de quem orienta, essa dimensão “dos processos de pensamento – imaginação, visão, intuição”, me pareceu ter enorme relevância. Houve situações em que orientandos e orientandas saíram da condição de paralisia, ao mudar a atitude em relação ao seu próprio material, enxergando nele possibilidades criativas e não somente o cumprimento de uma repetitiva rotina de trabalho.

Há alguns anos sugeri um trabalho diferente aos alunos e alunas de uma disciplina que ministrei sobre Intelectuais Negras. Uma das marcas do pensamento negro é a tematização de um discurso próprio, uma experiência em que se troca o “ser dito” pelo “dizer-se”. Caminho simultaneamente reflexivo e afirmativo. Estratégia onde a criação se faz caminho para a autoria e a autonomia (Gilroy, 2001); onde a escrita com voz própria transforma o silêncio em linguagem e ação (Lorde, 2020) e onde uma orientação para a autodefinição e autoavaliação é capaz de fazer frente à máquina de estereotipia que aprisiona as mulheres negras em imagens de controle (Collins, 2016). Carolina Maria de Jesus (2019), por exemplo, fez isso ao escrever sobre seu cotidiano em Quarto de despejo e Frederick Douglass fez isso em suas autobiografias (Douglass, 2021; Gilroy, 2001).

6 No original: “¡Y jamás dejaron de ser artistas! Es importante tener presente, aunque solo sea como profilaxis contra un cientificismo vulgar, que ninguna de las ideas que nos interesan – ideas que siguen siendo, repito, centrales en el pensamiento sociológico contemporáneo – surgió como consecuencia de lo que hoy nos complace llamar razonamiento para la resolución de problemas. Cada una de ellas es, sin excepciones, resultado de procesos de pensamiento – imaginación, visión, intuición – que tienen tanta relación con el artista como el investigador científico” (Nisbet, 2003, p. 34).



Considerando a leitura que acabávamos de fazer de um texto de Audre Lorde (2020), propus uma mudança de rota no tipo de avaliação que eu já havia definido e sugeri que eles e elas escrevessem um diário sobre sua relação com os textos que estávamos estudando na disciplina. Eles toparam, para minha alegria e surpresa. A ruptura com o silêncio é um dos temas fundamentais em Lorde. Depois de ser diagnosticada com um câncer, ela conta, em um dos seus textos mais fortes e comoventes, que refletiu sobre todas as vezes que silenciou ou foi silenciada. E sobre a necessidade de transformar silêncio em linguagem e em ação. Ela registra:

Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências (Lorde, 2020, p. 51).

Em uma entrevista, lhe perguntam sobre a relação entre escrever, ensinar e aprender:

Como escrever está ligado a aprender para você?

Sei que ensinar é uma técnica de sobrevivência. É para mim, e acho que é de modo geral; é a única maneira através da qual o verdadeiro aprendizado acontece. Eu mesma estava aprendendo algo de que precisava para continuar vivendo. Eu investigava e ensinava ao mesmo tempo em que também aprendia. Eu me ensinava em voz alta. E isso começou na oficina de poesia em Tougaloo (Lorde, 2020, p. 109)

Os textos de Lorde tocavam num ponto de confluência entre a reflexão, a criação e o aprendizado. A escrita construindo pontes entre essas dimensões. Inspirada nessas conexões sugeridas pela autora, propus uma conversa, ao modo de um diário, para o trabalho de avaliação. A ideia era que eles pudessem registrar a relação com os textos em termos das impressões sobre as leituras, como elas lhes haviam tocado, desde dúvidas sobre o material até o que haviam considerado mais interessante.

E interessante também foram os resultados. Esse exercício de escrita, de autoria na relação com os textos lidos, rendeu trabalhos mais livres e autônomos. Os textos revelavam que os alunos e as alunas se sentiram abertos para falar da sua compreensão em relação às autoras lidas, tratar das dúvidas sobre as posições teóricas, seguir insights que os textos lhes trouxeram e, ainda, narrar o processo de aprendizagem ao longo da disciplina.

Aprendi com essa experiência que um diário pode ser instrumento bastante útil para um processo de reflexão não apenas pessoal, de autoconhecimento, mas também de compreensão e reflexão acadêmica. O que sugiro a seguir se inspira nessa experiência e na ampliação de suas possibilidades.



E se esse experimento tivesse lugar também no próprio processo de pesquisa? Afinal, para quem contamos sobre o processo cotidiano da pesquisa (e não me refiro aqui apenas ao diário de campo)? Sobretudo aquelas partes/rascunhos que não temos coragem de mostrar ou contar a ninguém, normalmente por sua insipiência? Quem vai nos lembrar do que dissemos lá atrás sobre um determinado ponto que agora nos parece oportuno para o texto?

O diário pode ser um espaço para uma conversa consigo mesmo, sem a pressão do texto como resultado, alimentado com um registro sobre o processo da tese ou da dissertação. Ele pode ser um aliado, por excelência, da dimensão processual de construção do trabalho. Nele podem ser registrados os caminhos que o trabalho vai tomando, incluindo as dúvidas sobre qual trilha seguir; a relação com as leituras, em termos da sua contribuição ou pertinência para o trabalho; as incertezas em relação as estratégias de pesquisa; os insights sobre conexões, relações entre teoria e empiria, entre tantas outras coisas. O diário como espaço, também, para registrar o cansaço da própria tese/dissertação, da pós-graduação, ou, quem sabe, as alegrias do aprendizado.

Para além de ser um espaço reflexivo sobre o processo de fazer uma dissertação ou tese, há uma vantagem adicional dessa conversa consigo mesmo(a): esse material fica registrado, é uma memória desse processo. Nossa memória, sabemos, depois de certo tempo, tende a nos trair, embotando a lembrança tão viva antes de certos eventos. Pode parecer que não, mas esse material tem potencial para render muitos auxílios à própria construção do texto da tese ou dissertação. E, como quaisquer outros diários, pode nos ouvir nos momentos de maior cansaço.

Escolha um formato, um arquivo no computador ou o velho e bom caderno, e experimente começar essa conversa consigo mesmo(a) sobre a pesquisa. A atenção ao processo que essa estratégia permite pode ir revelando essas conexões entre escrever, aprender e refletir.

Não esqueça de registrar igualmente as cenas cotidianas que te fizeram compreender alguma das dimensões da sua investigação. Adicione aí, também, comentários sobre os filmes que lhe fizeram pensar o tema de pesquisa, assim como as canções e a literatura ficcional que mobilizaram o seu pensamento sobre o trabalho. Há muita reflexão sobre a vida social em textos não acadêmicos: filmes, romances, poesia, crônicas, canções, entre tantas outras expressões artísticas.

Normalmente, elas nos chegam em lufadas inspiradoras sobre as coisas do mundo. É o que se vê no filme *Colcha de retalhos* (Jocelyn Moorhouse, 1995). Uma pós-graduanda entra em crise criativa e se percebe paralisada na escrita de seu tra-

7 Diferente do diário de campo, esse diário se propõe a ser um registro do processo da tese ou dissertação, incorporando outros momentos que vão além do cenário da pesquisa de campo.



balho acadêmico enquanto o mundo ao seu redor parece desabar: o fim do seu relacionamento, a suspensão de uma festa de casamento em curso, uma mudança não planejada e todas as previsíveis consequências que situações como essas costumam gerar. Fugindo de tudo e buscando refúgio na casa de sua avó, uma mulher forte rodeada de outras mulheres tão inspiradoras quanto ela, nossa pós-graduanda vai, no contato com esse mundo, se reconciliando pouco a pouco com a sua dimensão criativa e a escrita.

Como nos ensina a letra de uma canção de Paulinho da Viola (1976), do álbum *Memórias cantando*, “Coisas do Mundo, minha nêga”, “as coisas estão no mundo só que eu preciso aprender”:

Hoje eu vim, minha nêga,
Sem saber nada da vida
Querendo aprender contigo
A forma de se viver
As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender
As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender.

CONCLUSÃO

Para finalizar, gostaria de sublinhar o fio que costurou esse texto: precisamos alimentar nossa imaginação sobre o processo, torná-lo presente em nosso horizonte, já que ele é o caminho mesmo pelo qual se chega a um resultado. Entender o seu fluxo (do processo) e ter o controle das sucessivas etapas ajuda a não ser surpreendido(a) por prazos que batem à porta e colhem cestas vazias, semeando grandes quantidades de ansiedade e angústia. Porque nada é mais angustiante que ter de fazer uma entrega sem material suficiente para lhe fazer frente. E falo do lugar de quem já foi surpreendida.

A imaginação sobre o processo é também, nesse sentido, um modo de fugir do sofrimento mental constatado pelas muitas investigações que indicamos. Sei que esse é um tema complexo e não quero simplificá-lo apontando soluções reducionistas. Contudo, se há ferramentas que podem ajudar a passar por esse rio caudaloso que, por vezes, é a pós-graduação, por que não as usar?

Essa conversa consigo mesmo tem potencial para ser uma das melhores companhias – mas certamente não a única – para compartilhar o processo de fazer um trabalho acadêmico. Num contexto em que a ênfase recai sobre o produto, fazendo nublar o cotidiano das pequenas atividades, o diário dá relevo ao plantio feito com as mãos que, com diligência cotidiana, adubam o texto a ser colhido em dias de sol e de banca.



[sitorio.ufc.br/bitstream/riufc/37491/1/2018_art_damoreira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37491/1/2018_art_damoreira.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

NISBET, Robert. **La formación del pensamiento sociológico**. Tomo I. Tradução de Enrique Molina de Vedia. 1. ed., 4. reimpr. Buenos Aires: Amorrortum, 2003.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 609–619, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132> Acesso em: 15 maio 2025.

PINZÓN, Juanita Hincapié et al. Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 189-201, dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19555/2/Barreiras_Carreira_e_Sade_Mental_de_Estudantes_de_Psgradauo.pdf Acessos em 15 maio 2025.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. A pergunta de partida. In: **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Gradiva, 1998, p. 29-45.

VIVIAN, Chancarlyne; TRINDADE, Letícia de Lima; VENDRUSCOLO, Carine. Prazer e sofrimento docente: estudo na pós-graduação stricto sensu. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 1064-1071, set. 2020. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2020.3.18949>. Acesso em: 15 maio 2025.

ZOTESSO, Maria Cristina. **Sofrimento psicológico em pós-graduandos: aspectos emocionais e comportamentais**. 2021. 97 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.